



TEXTO DIGITAL

Revista de Literatura, Linguística, Educação e Artes

Vida e arte experimental na trajetória de Wilton Azevedo

Life and experimental art in Wilton Azevedo's trajectory

Regina Lara Silveira Mello^a; Hugo Daniel Rizolli Moreira^b

^a Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, Brasil - reginalara.arte@gmail.com

^b Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, Brasil - rizollihugo@gmail.com

Palavras-chave:

Wilton Azevedo.
Escritura Digital
Expandida. Poesia
Digital. Ambiência
Digital. Códigos Da
Arte.

Resumo: O artigo apresenta reflexões sobre a trajetória do artista, professor e pesquisador Wilton Azevedo desde sua produção nas artes gráficas, onde explorou a materialidade dos pigmentos naturais e papéis artesanais, até sua migração à tecnologia digital, constituindo um processo criativo que valorizou sobretudo a busca por linguagens híbridas. Pioneiro na pesquisa de novas possibilidades criativas, lançou-se no ciberespaço com autoimagem transformada, deixando brotar a poesia numa nova ambiência que renovou profundamente as relações consolidadas entre imagem, texto e som. Em diálogo com pensadores contemporâneos como Manovich, Chartier e Flusser, são levantados alguns conceitos fundamentais à compreensão da obra de Wilton Azevedo, como escritura digital expandida, poesia digital e outros experimentos, além da criação do Lhudi, Laboratório de Humanidades Digitais, que enchia de orgulho o professor-pesquisador. O autorretrato do artista é mostrado como um convite em forma de homenagem, sugerindo o aprofundamento na obra deste grande artista.

Keywords:

Wilton Azevedo.
Expanded Digital
Writing. Digital
Poetry. Digital
Ambience. Art Codes.

Abstract: The article presents reflections on the trajectory of the artist, professor and researcher Wilton Azevedo since his production in the graphic arts, where he explored the materiality of natural pigments and handmade papers, until his migration to digital technology, constituting a creative process that mainly valorized the search for languages. A pioneer in the search for new creative possibilities, he launched himself into cyberspace with a transformed self-image, letting poetry emerge in a new ambience that profoundly renewed the consolidated relations between image, text and sound. In dialogue with contemporary thinkers such as Manovich, Chartier and Flusser, some fundamental concepts are raised to understand Wilton Azevedo's work, such as expanded digital writing, digital poetry and other experiments, and the creation of Lhudi, Digital Humanities Laboratory, which pride the teacher-researcher. The self-portrait of the artist appears here as an invitation in homage, suggesting the deepening in the work of this great artist.



WILTON AZEVEDO: ARTISTA, PESQUISADOR E PROFESSOR

Este artigo lança uma luz à obra do designer gráfico, pesquisador e professor brasileiro Wilton Luiz de Azevedo (1956-2016). Conforme revelou em entrevista concedida ao programa de televisão VEREDA LITERÁRIA (2008), quando criança sonhava em ser desenhista e no início de sua trajetória profissional como artista gráfico, dedicou-se ao estudo de pigmentos e resinas naturais para aplicar em seus trabalhos como ilustrador, além de buscar formação em cursos de papéis artesanais. Artista plástico atuante desde a década de 80, ao longo de seu percurso vai incorporando o uso da tecnologia digital e seus signos por meio de dispositivos eletrônicos, que se desdobram numa significativa produção artística. Mediante experimentações com as diversas linguagens da arte e das poéticas geradas pelas relações homem-máquina que realiza, Wilton Azevedo (Fig. 1) ganha destaque na cena artística brasileira, que o reconhece como um vanguardista em sua área de atuação.

O artista revela em seu percurso criativo duas fases distintas: inicialmente dedicou-se às artes gráficas, aos desenhos manuais e matrizes no papel, e num segundo momento à arte digital, de produção tecnológica. Sempre mantendo fortes relações com a educação, sua atividade como professor o fez compartilhar experimentos com alunos de graduação, além de formar mestres e doutores que hoje pesquisam apoiados em seus ensinamentos, sendo um pioneiro também neste processo de construção e divulgação do conhecimento.

Fig.1 – Wilton Azevedo



Fonte: <http://www.jornaldepoesia.jor.br/wiltonazevedo.html>. Acesso em: 05 jun, 2018.

SEMPRE EM BUSCA DO CORAÇÃO DA MATÉRIA ARTÍSTICA

Em algum momento do percurso, conforme o artista se apropria da tecnologia, manual e digital se cruzam no seu processo criativo; ao nos debruçarmos sobre a produção artística de Wilton Azevedo, observamos fragmentos que podem nos ajudar a mensurar o quanto de gráfico e o quanto de digital compõem cada obra, como as linguagens se misturam, ou até mesmo, se fundem. Nessa abordagem vamos ao encontro dos momentos onde Azevedo migra do universo gráfico para o universo digital, tentando revelar a transição do artista. Se no início interessavam-lhe os pigmentos naturais, como se buscasse na natureza a partícula que originou cada cor, e na fabricação do papel artesanal uma relação primitiva, de origem e valorização desta manualidade, ao longo de sua trajetória o artista vai trocando a linha desenhada, a luz e a sombra que representam volumes, a textura gráfica pelo pixel. Surge a nova linha, a nova matéria que se faz de luz pulsante, presente na virtualidade da tela e não mais na realidade do papel, contextualizando sua pesquisa e sua práxis artística com as novas mídias em expansão na contemporaneidade.

A intimidade com a nova matéria criativa exigiu muito experimento, muito tempo praticando em diferentes softwares como quem estuda um instrumento, tornando-o capaz de expressar o gesto gráfico que incorpora o humano, agora transformado em digital, expandindo e atenuando as fronteiras entre o homem e a máquina. Buscou transformar códigos gráficos, elaborando uma linguagem própria que uniu palavras e imagens presentes numa relação estabelecida na prática das artes gráficas, reelaborada em novos códigos expressivos.

A significação que o artista imprimiu às migrações entre os diferentes suportes e matrizes artísticas, incorporando elementos novos e originais que passaram a ser possíveis na sociedade digital, revela a importância e a singularidade da obra de Wilton Azevedo. Pensou e exercitou as variações da relação entre humano e digital, humano ou digital, humano e/ou digital, contribuindo na elaboração de conceitos que passaram a povoar o universo da pesquisa científica ramificada nas universidades e também no campo interdisciplinar das artes. Como resultado, esses novos códigos e interpretações materializados pelo artista desdobraram-se em consequências tangíveis e são caminhos imprescindíveis à compreensão do futuro da arte, da cultura e das humanidades digitais.

A ESCRITURA DIGITAL EXPANDIDA

Wilton Azevedo contribuiu enormemente à elaboração do conceito de “escritura digital expandida”, onde não aparecem mais o verbo, a imagem e o som em narrativas lineares, mas como linguagens que se fundem num código único através de recursos tecnológicos. Este conceito explora as múltiplas possibilidades que os meios digitais vêm proporcionando, no terreno da potencialidade dos signos da arte, favorecendo o surgimento cada vez mais evidente de um código híbrido, interligando linguagens, desenvolvendo e consolidando experimentações. Na reflexão do artista-pesquisador:

Há um significado que não mais está ligado a um signo comum ou poético, mas sim a um signo que se mostra em expansão, dilatando-se. O significado está lá, mas só é detectado por seus componentes binários, que estão entrelaçados aos componentes binários do som, da imagem e demais acontecimentos manifestados na tela do computador. Estamos falando de criações que tomam como linguagem a ser articulada aquela do meio de comunicação mais dinâmico do tempo presente, o digital. Sendo assim, o que cabe ao artista é selecionar e articular essas linguagens para expressar a sua forma poética (AZEVEDO; SALES, 2012, p. 53).

Inserido na cultura e nos processos digitais de criação artística, Azevedo se apropria de signos já consolidados na história da arte, que surgem na sua memória em vasto repertório. Em algumas de suas obras mais interessantes a tradição do autorretrato é retomada para representá-lo no suporte digital, na tela do computador, revelando a transformação de sua própria face, afirmando a ressignificação do artista nesta nova era digital (Fig. 2). Porém, se na pintura tradicional de autorretrato, em tela e tinta, as representações e significados de autenticidade da obra de arte aparecem materializados no contexto imagético, no digital criam-se outras opções.

Fig. 2 – Imagem do vídeo *Encéfalo*, Wilton Azevedo, 2013



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=84ZS3t1pDSw>. Acesso em: 28 out. 2017.

A imagem integral do artista se desdobra em pedaços ou nuances do criador agora sistematizados no suporte digital. A relação artista-imagem desconecta-se da reprodução integral do ser humano numa tela ou suporte e passa a ser representada por fragmentos incorporados de sonoridades e/ou palavras, expandindo a linguagem expressiva. Sobre as possibilidades digitais que a sociedade contemporânea oferece, Lev Manovich, professor e pesquisador da City University of New York confirma:

No processo dessa materialização, as tecnologias ultrapassaram a arte. Isto é, não apenas as tecnologias das novas mídias – a programação de computadores, a interface gráfica homem-máquina, o hipertexto, a multimídia computadorizada, a formação de redes (com e sem fio) – concretizaram as ideias por trás dos projetos dos artistas, mas ampliaram-nas muito mais do que o imaginado pelos artistas (MANOVICH, 2005, p.49).

POESIA DIGITAL

[...] existe propriamente um objeto que é a tela sobre a qual o texto eletrônico é lido, mas este objeto não é mais manuseado diretamente, imediatamente, pelo leitor. A inscrição do texto na tela cria uma distribuição, uma organização, uma estruturação do texto que não é de modo algum a mesma com a qual se defrontava o leitor do livro em rolo, da Antiguidade, ou o leitor medieval, moderno e contemporâneo, do livro manuscrito ou impresso, onde o texto é organizado a partir de sua estrutura em cadernos, folhas e páginas. (CHARTIER, 1998, p.12).

Com Wilton Azevedo, a poesia invade o computador e toda a sua sensibilidade passa a ser transmitida e reorganizada pelo software. Segundo Chartier, (1998, p.17), as experiências digitais, “[...] com as redes eletrônicas, todas estas operações podem ser acumuladas e tornadas quase contemporâneas umas das outras”, refletindo, numa abordagem histórica, sobre as representações da cultura no que se refere ao livro impresso em tempos de redes eletrônicas. Em parceria com o poeta e ensaísta Philadelpho Menezes¹, Wilton Azevedo começa a ressignificar a poesia escrita para a linguagem digital, incorporando à poesia novos signos e linguagens da arte, criando as chamadas “poesias digitais” que posteriormente vão fazer parte das “escrituras digitais expandidas”, assim definidas por Wilton Azevedo, onde não temos mais o verbo, a palavra e as frases separadamente, mas tudo se aglutina nas escrituras, que por sua vez absorvem características de outros símbolos artísticos. O filósofo

¹ Philadelpho Menezes Neto (1960-2000) foi um grande poeta, tradutor e ensaísta, pesquisador da poesia sonora e visual que realizou diversos projetos em parceria com Wilton Azevedo. Em 1998 publicaram o CD-ROM “Interpoesia: poesia e hipermídia interativa.”

tcheco Vilém Flusser, que morou no Brasil e viu emergir o design na era digital, nos apresenta reflexões sobre as mudanças de códigos no mundo contemporâneo e as possibilidades que esses elementos possuem quando transitam entre os novos dispositivos digitais:

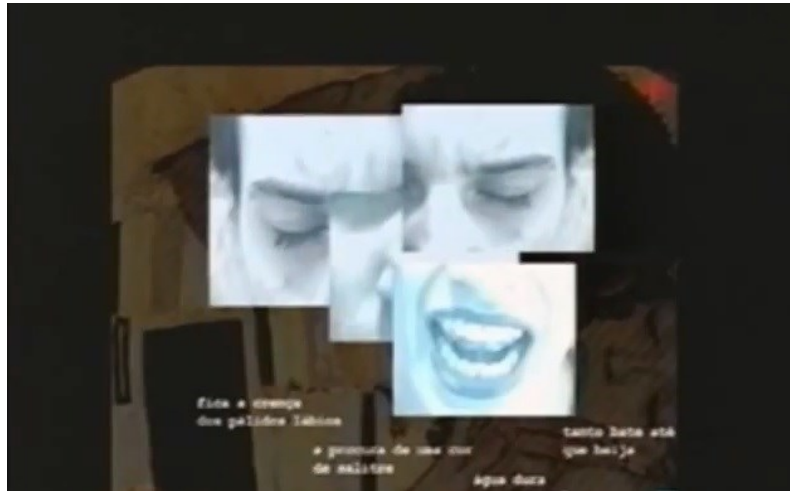
Os textos se dirigiam, originalmente, contra as imagens, a fim de torná-las transparentes para a vivência concreta, a fim de libertar a humanidade da loucura alucinatória. Função comparável a das tecnoimagens: dirigem-se contra os textos, a fim de torná-los transparentes para a vivência concreta, a fim de libertar a humanidade da loucura conceitual. (FLUSSER, 2011, p. 117).

EXPERIMENTOS DIGITAIS

Os processos fotográficos podem ser considerados os embriões do que mais tarde dariam origem à arte digital e seus desdobramentos. As imagens técnicas e suas montagens dadaístas prenunciam os processos que a arte vai percorrer com a popularização dos computadores, com o surgimento da arte digital. O artista contemporâneo se apropria das tecnoimagens que proliferam na sociedade atual. Experimentações artísticas rompem a fronteira do mundo analógico, como as realizadas por Wilton Azevedo:

Tecnologias contemporâneas criam novas possibilidades tanto de representação como expressão. Alguns conceitos surgem por decorrência do surgimento de *softwares*, equipamentos, computadores, e estes associados a meios de reprodução mais antigos devem ser contemplados como elementos expressivos de linguagem, muitas vezes, bastante peculiares. Estas ferramentas visam orientar quanto aos traços de tecnologia na criação do objeto visível, assim como apresentam a competência expressiva desses meios. (GONÇALVES, 2005, p. 24).

Azevedo incorpora procedimentos maquínicos e experimentações no suporte digital à sua obra, como no poema “Lábios” produzido em parceria com o poeta e ensaísta Philadelpho Menezes (Fig. 3), em 1998. A obra traz como pano de fundo uma imagem da série “beijos” de Gustav Klimt, além de referências às *polaroids* de David Hockney. Enquanto as *polaroids* se movimentam e compõem um cenário que divide o espaço da tela com a poesia, expressões humanas que pronunciam o som de palavras e versos do poema aparecem na tela do computador. Uma obra interativa, que mistura várias referências e linguagens estabelecidas no código digital.

Fig. 3 – Imagem do Poema digital – Lábios

Wilton Azevedo e Philadelpho Menezes. Acesso em: 16 ago. 2018.

A obra resultante desse processo mistura poema e elementos visuais como cores, formas e espaço, imagens e composições gestuais e imagéticas, tudo reproduzido de acordo com as possibilidades do *software*, produzidos numa sequência de sons e imagens que se alternam, e muitas vezes subvertem a ordem lógica à qual estamos acostumados. Uma experimentação visual que dialoga com os sentidos humanos e com a história da arte, uma obra imaterial e volátil, dependente de um “hospedeiro” digital na virtualidade da luz e de um dispositivo que a mantenha, para ser reproduzida. Parte das engrenagens e dos meios que a sustentam são intangíveis, ela é intocável, intátil, imaterial, etérea, volátil e incorpórea. Nesse contexto, a obra de arte se transforma em luz e sombra significadas pelo código binário do computador, pelo pixel.

A popularização do computador pessoal também estendeu a capacidade e viabilizou o desejo humano de interagir, de intercambiar documentação, de comunicar conhecimentos e, pela via de mídia em que se transformou, comunicar sensações e sentimentos. Os meios de comunicação social – sejam eles uma pintura rupestre ou um audiovisual editado eletronicamente – contêm, em si, a natureza simultânea da técnica e da arte, da informação e da sensibilização humana. Azevedo mergulha nessas possibilidades e experimentações digitais, as difunde e potencializa com a criação do Laboratório de Humanidades Digitais na Universidade Presbiteriana Mackenzie.

LHUDI – LABORATÓRIO DE HUMANIDADES DIGITAIS

O termo “Humanidades Digitais” surgiu como forma de abrigar projetos e reflexões sobre a relação entre as disciplinas tradicionais das humanidades e as tecnologias digitais. Com um repertório pessoal repleto de experiências, Wilton Azevedo delinea a criação de um espaço dinâmico de pesquisa e experimentações digitais, local que pudesse agregar artistas e pesquisadores na tentativa de humanizar a técnica, visando a aproximação das linguagens artísticas com as tecnologias digitais, pelas associações homem-máquina e as possibilidades que os softwares nos abrem no campos dos sentidos, de nos conectar com o futuro e os percursos que serão trilhados pela arte e suas linguagens no futuro da humanidade.

Assim nasce o LHUDI, o Laboratório de Humanidades Digitais, na Universidade Presbiteriana Mackenzie, propiciando a intermediação de dispositivos e possibilidades tecnológicas na produção artística, cultural e científica dentro da universidade. Sua implantação ocorreu em 2014, quando recebeu a primeira turma do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação, Arte e História da Cultura, dispondo na prática de infraestrutura tecnológica e capacitação teórico-reflexiva sobre a realidade de uma práxis na interface entre a digitalização do processo criativo, possibilidade que vislumbra as várias áreas do conhecimento e a produção colaborativa no campo das humanidades. O LHUDI atuou como uma metadisciplina, denominada Humanidades Digitais, que se faz através da intermediação de dispositivos tecnológicos, quando mestrandos e doutorandos frequentaram o espaço físico do laboratório, desenvolvendo pesquisas supervisionados por Wilton Azevedo. Pesquisadores interessados eram frequentemente procurados para oferecer palestras e discussões que promoviam o surgimento de ideias inovadoras e estimulavam processos de criação artística.

Sua relevância se consolida no uso de novas tecnologias para funções como a recriação e exploração de ambientes humanos presentes e passados, a criação de desdobramentos e possibilidades digitais para pesquisas e percursos artísticos, além da apresentação e discussão de softwares aplicados às humanidades, bem como para a produção atrelada às propostas de cultura e escrituras digitais expandidas. Avançando num campo inédito, criando e produzindo tecnoimagens:

As tecnoimagens são essencialmente diferentes das imagens tradicionais. As imagens tradicionais são produzidas por homens, as tecnoimagens por aparelhos. [...] Os aparelhos transcodem sintomas em imagens [...]. São caixas que devoram história e vomitam pós-história. (FLUSSER, 2011, p. 118).

O laboratório é um espaço destinado à pesquisa que tem como proposta ser uma interface de ligação com os cursos de Graduação da Universidade Presbiteriana Mackenzie, proporcionar ao aluno o contato com a leitura, análise teórica e produção prática aprofundada, de um novo conceito midiático: a narrativa digitalizada, expandida, com características estéticas e linguagem inerentes a este novo meio de produção ainda em fase de desenvolvimento, o digital.

Todas essas possibilidades orbitavam o LHUDI na presença do professor, artista e pesquisador Wilton Azevedo, como agente de interlocução entre ideias, projetos e pesquisas de alunos e pesquisadores que buscavam no Laboratório de Humanidades Digitais referências teóricas e práticas para conexões entre o processo criativo e o universo tecnológico na ambiência digital.

Com o falecimento de Wilton Azevedo em 2016, sua obra e seus projetos se consolidam num legado artístico que revela o entrelaçamento entre o gesto gráfico, a escrita, a fusão de linguagens artísticas e seus desdobramentos nos meios digitais. A convivência dos autores com o artista favorece o reconhecimento desta imensa obra, constituída num processo que ressignifica os caminhos da arte e dos signos da criação no futuro da humanidade, abrindo novas possibilidades para pesquisadores no campo da sensibilidade e crítica da arte, e na cultura tecnológica, que lhe rendem merecida homenagem.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Wilton. Poética das hipermídias: Uma escritura expandida. *Revista Texto Digital*, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, v. 2, ano 1, p. 1-17, 2006.

AZEVEDO, Wilton. *Programa Vereda Literária* (2000). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=l-ymC1qwykw&t=1272s>. Acesso em: 10 out. 2018.

AZEVEDO, Wilton; SALES, Cristiano A literatura digital e sua escritura expandida: uma reflexão sobre a obra Volta ao fim. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, Porto Alegre, ABRALIC, v. 14, n. 20, p. 49-62. 2012.

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro. Do leitor ao navegador*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo/Editora UNESP, 1998.

FLUSSER, Vilém. *Pós-História. Vinte instantâneos e um modo de usar*. São Paulo: Annablume, 2011.

GONÇALVES, Claudio C. Babenko. *Para uma análise do fenômeno visual*. São Paulo: Acadcom Gráfica e Editora, 2005.

MANOVICH, Lev. Novas mídias como tecnologia e ideia: dez definições. In: Lúcia Leão (Org.). *O chip e o caleidoscópio: reflexões sobre as novas mídias*. São Paulo: Editora SENAC. p. 23-50. 2005.